AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES
LEIGH BARDUGO
MULHER-MARAVILHA
DAMA DA GUERRA
TOP SELLER
#BLISS

Para Joanna Volpe,
Irmã de armas

«Aproximai-vos, vinde por entre a turba para junto de mim, para que possamos saber o que poderá brotar dos seios das amazonas. No meu sangue mescla-se a guerra!»

Quinto de Esmirna, *A Queda de Troia*

CAPÍTULO 1

Não se entra numa corrida para perder.

Diana saltitou ao de leve nas pontas dos pés na linha de partida, com as barrigas das pernas tensas como a corda de um arco, as palavras da sua mãe a reverberar-lhe nos ouvidos. Uma multidão barulhenta reunira-se para os jogos de luta e para o lançamento de dardo que assinalariam o começo dos Jogos Nemesianos, mas a verdadeira prova era a corrida a pé e agora nas bancadas corria a palavra de que a filha da rainha entraria na competição.

Quando Hipólita se apercebeu da presença de Diana entre as corredoras agrupadas na arena, não se mostrou surpreendida. Como era tradição, desceu da sua plataforma de observação para desejar sorte às atletas nas suas provas, partilhando uma piada ou oferecendo palavras amáveis de encorajamento. Assentira brevemente com a cabeça a Diana, não demonstrando preferência especial, mas sussurrara tão baixo que apenas a sua filha poderia ouvir:

— Não se entra numa corrida para perder.

As amazonas ladeavam o caminho que dava para fora da arena, já a bater com os pés e gritando para que os jogos se iniciassem.

À direita de Diana, Rani mostrou-lhe um sorriso radioso.

— Boa sorte para hoje.

Era sempre amável, sempre graciosa e, claro, sempre vitoriosa.

À esquerda de Diana, Thyra resmungou e abanou a cabeça.

— Bem vai precisar.

Diana ignorou-a. Há semanas que esperava ansiosamente por esta corrida, um percurso pela ilha para ir buscar uma das bandeiras vermelhas sob a grande cúpula de Bana-Mighdall. Em sprint puro, não tinha hipóteses. Ainda não estava na plenitude da sua força de amazona. *A seu tempo hás de vencer*, prometera-lhe a mãe. Mas a mãe prometera-lhe imensas coisas.

Esta corrida era diferente. Exigia estratégia, e Diana estava pronta. Andara a treinar em segredo, a praticar sprints com Maeve e a delinear um percurso que era em terreno mais duro mas definitivamente mais direto até à extremidade ocidental da ilha. Ela até... bem, não foi propriamente espiar... recolheu dados sobre as outras amazonas que iam participar na corrida. Continuava a ser a mais pequena e, naturalmente, a mais jovem, mas no último ano dera um salto e agora era quase tão alta como Thyra.

Não preciso de sorte, disse a si própria. *Tenho um plano*. Espreitou para a fila de amazonas reunidas na linha de partida como tropas a postos para a guerra e corrigiu, *Mas um pouco de sorte nunca fez mal a ninguém*. Queria aquela coroa de louros. Era melhor do que qualquer aro ou tiara reais. Era algo que poderia conquistar em vez de lhe ser oferecido.

Viu o cabelo ruivo e o rosto sardento de Maeve na multidão e sorriu, tentando projetar confiança. Maeve retribuiu-lhe o sorriso e gesticulou com as duas mãos como se estivesse a empurrar para baixo. Formou a palavra com a boca: «Concentra-te.»

Diana revirou os olhos, mas assentiu com a cabeça e abrandou o ritmo da respiração. Tinha o mau hábito de arrancar demasiado depressa e perder velocidade demasiado cedo.

Limpou a mente e obrigou-se a concentrar-se na corrida enquanto Tekmessa percorria a linha de partida, a verificar as corredoras, as joias a reluzir na sua grossa coroa de espirais, e fitas de prata a cintilar nos braços castanhos. Era a conselheira mais próxima de Hipólita, a segunda na hierarquia, atrás apenas da rainha, e caminhava como se a sua túnica com cinto índigo fosse uma armadura de batalha.

— Vamos com calma, Pyxis — murmurou Tek a Diana quando passou. — Não quero ver-te a ceder. — Diana ouviu Thyra a fungar de novo, mas recusou reagir à alcunha. *Não vais gozar quando eu estiver no alto do pódio,* prometeu.

Tek ergueu as mãos a pedir silêncio e fez uma vénia a Hipólita, que se encontrava sentada entre dois outros elementos do Conselho de Amazonas no camarote real — uma plataforma elevada à sombra de uma aba de seda com o vermelho e azul fortes das cores da rainha. Diana sabia que era onde a sua mãe a queria neste momento, sentada ao seu lado, à espera do início dos jogos, em vez de estar a competir.

Nada daquilo teria importância assim que ganhasse.

Hipólita baixou ao de leve o queixo, elegante na sua túnica branca e calças de montar, com um aro simples pousado na testa. Parecia descontraída, à vontade, como se pudesse decidir saltar para baixo e juntar-se a qualquer momento à prova, sem nunca deixar de ser a rainha.

Tek dirigiu-se às atletas reunidas na arena de areia.

— Correis pela honra de quem?

— Pela glória das Amazonas — replicaram em uníssono. — Pela glória da nossa rainha. — Diana sentiu o seu coração a bater mais intensamente. Nunca antes proferira aquelas palavras, pelo menos enquanto competidora.

— A quem louvamos todos os dias? — questionou Tek aos quatro ventos.

— A Hera — responderam em coro. — Atena, Deméter, Héstia, Afrodite, Artemisa. — As deusas que criaram Themyscira e a ofereceram a Hipólita como refúgio.

Tek fez uma pausa e, na linha de partida, Diana escutou os sussurros de outros nomes: Oya, Durga, Freia, Maria, Yael. Nomes em tempos gritados na morte, as derradeiras orações de guerreiras caídas em batalha, as palavras que as trouxeram para esta ilha, dando-lhes uma nova vida como amazonas. Ao lado de Diana, Rami murmurou os nomes das lutadoras de demónios Matri, as sete mães, e apertou o amuleto retangular que levava sempre nos lábios.

Tek ergueu uma bandeira cor de sangue idêntica àquelas que estariam à espera das corredoras em Bana-Mighdall.

— Que a ilha vos conduza a uma vitória justa — gritou.

Baixou a seda vermelha. A multidão rugiu. As corredoras lançaram-se para a frente na direção em arco oriental. E assim começara a corrida.

Diana e Maeve tinham previsto um engarrafamento, mas não deixou de sentir uma pontada de frustração quando as corredoras entupiram a garganta de pedra do túnel, um emaranhado de túnicas brancas e membros musculados, passadas a ecoar na pedra, todas elas a tentarem deixar de vez a arena para trás. E a seguir já estavam na estrada, a sprintar pela ilha, cada corredora a escolher o seu próprio percurso.

Não se entra numa corrida para perder.

Diana alinhou-se com o ritmo destas palavras, pés descalços a embaterem na terra batida da estrada que a levaria pelo meio do emaranhado da Floresta Cybeliana até à costa norte da ilha.

Por norma, uma corrida de quilómetros através desta floresta seria lenta, retardada por árvores caídas e braços de videiras tão grossos que teriam de ser despedaçados com uma lâmina que iria embotar. Mas Diana planeara bem o seu caminho. Uma hora depois de ter entrado na floresta, saiu disparada do aglomerado de árvores para a estrada costeira deserta. O vento ergueu-lhe o cabelo e um borrifo salgado açoitou-lhe o rosto. Respirou fundo e verificou a posição do sol. Ia ganhar — não só um bom lugar, mas ganhar.

Traçara o mapa da corrida na semana anterior com Maeve e fizeram duas vezes o percurso em segredo, nas horas de luz cinzenta do amanhecer, quando as suas irmãs ainda se levantavam das suas camas, quando as lareiras das cozinhas estavam ainda a ser acesas e os únicos olhares curiosos com que tinham de se preocupar eram os de alguém que se tivesse levantado cedo para caçar ou lançar as redes para a pescaria do dia. Mas as caçadoras mantinham-se pela floresta e prados mais a sul, e ninguém pescava nesta parte da costa; não havia bons lugares para lançar um barco à água, apenas as escarpas íngremes cor de aço que mergulhavam diretamente no mar, e uma minúscula enseada pouco acolhedora à qual se acedia apenas por um caminho tão estreito que era preciso descer-se de lado, com as costas pressionadas contra a rocha.

A costa norte era cinzenta, sombria e inóspita, e Diana conhecia todos os milímetros de paisagem secreta, os seus despenhadeiros e grutas, as suas piscinas de marés cheias de lapas e anémonas. Era um bom local para se estar sozinha. *A ilha esforça-se por agradar,* dissera-lhe a mãe. Daí que Themyscira estivesse coberta de

pau-brasil em alguns lugares e árvores da borracha noutros; por isso é que se podia passar uma tarde a deambular pelos prados num pónei de pescoço comprido e a noitinha no alto de um camelo, escalando à luz do luar uma sequência de dunas de areia. Tudo aquilo eram pedaços das vidas levadas pelas Amazonas antes de terem vindo para a ilha, pequenas paisagens do coração.

Diana por vezes pensava se Themyscira criara a costa norte só para ela, para se poder desafiar a si própria a trepar a grande inclinação das suas escarpas, para poder ter um lugar só para si quando o peso de ser filha de Hipólita se revelasse excessivo.

Não se entra numa corrida para perder.

A mãe não lançara um aviso geral. As derrotas de Diana tinham um significado diferente e ambas sabiam disso — e não só por ela ser princesa.

Diana quase conseguia sentir o olhar sábio de Tek a incidir em si, ouvir o tom jocoso da sua voz. *Vai com calma, Pyxis.* Era a alcunha que Tek lhe atribuíra. Pyxis. Um pequeno pote de barro destinado a armazenar joias ou um extrato de carmim para pintar os lábios de rosa. O nome era inofensivo, destinado a gozar, sempre proferido com carinho — ou pelo menos era isso que alegava Tek. Mas de todas as vezes doía: era um lembrete de que Diana não era como as outras amazonas, nem nunca seria. As suas irmãs eram guerreiras com provas dadas em combate, aço forjado com sofrimento e refinadas para a grandeza ao passarem da vida para a imortalidade. Todas elas mereceram o seu lugar em Themyscira. Todas, com a exceção de Diana, nascida em solo da ilha e do desejo de Hipólita de ter uma filha, feita do barro pelas mãos da mãe — oca e frágil. *Vai com calma, Pyxis. Não quero que te quebres.*

Diana estabilizou a respiração, assim como o ritmo. *Hoje não, Tek. Este é o dia em que os louros me pertencem.*

Espreitou fugazmente para o horizonte, permitindo que a brisa do mar refrescasse o suor da sua testa. Por entre a névoa, vislumbrou a forma branca de um barco. Aproximou-se o suficiente da fronteira para que Diana lhe visse as velas. A embarcação era pequena — talvez uma escuna? Tinha dificuldade em lembrar-se dos termos náuticos. Mastro grande, mastro da mezena, um milhar de nomes para velas e nós e cordame. Uma coisa era sair num barco, para aprender com Teuta, que navegara com piratas de Ilíria, mas outra

bem diferente era estar enfiada numa biblioteca em Éfeso, a olhar fixamente para diagramas de um bergantim ou de uma caravela.

Por vezes, ela e Maeve jogavam a um jogo de tentar avistar navios ou aviões e uma vez até viram a mancha gorda de um navio de cruzeiro no horizonte. Mas a maioria dos mortais sabia manter-se ao largo do seu cantinho no Egeu, onde as bússolas rodopiavam e os instrumentos de repente se recusavam a obedecer.

Hoje, parecia, uma tempestade ia ultrapassar as brumas da fronteira e Diana sentiu pena de não poder parar para observar. As chuvas que chegavam a Themyscira eram aborrecidamente brandas e previsíveis, nada como o ameaçador ribombar dos trovões, o brilho dos relâmpagos longínquos.

— Não sentes falta das tempestades? — perguntara Diana uma tarde, quando ela e Maeve repousavam ao sol no terraço do telhado do palácio, escutando o rugido distante e o estrépito de uma borrasca. Maeve morrera na Emboscada de Crossbarry, tendo sido as últimas palavras proferidas pelos seus lábios uma oração à Santa Brígida de Kildare. Segundo os padrões das Amazonas, era nova na ilha e viera de Cork, onde as tempestades eram comuns.

— Não — respondera na sua voz cadenciada. — Sinto falta de uma boa chávena de chá, de dançar, de rapazes... sem dúvida que não é da chuva.

— Nós dançamos — protestara Diana.

Maeve limitara-se a rir.

— Danças de maneira diferente quando sabes que não irás viver eternamente. — Depois, espreguiçara-se, com sardas parecidas com densas nuvens de pólen na sua pele branca. — Acho que fui um gato noutra encarnação, pois só me apetece ficar estendida a dormir debaixo do maior raio de sol do mundo.

Mantém o ritmo. Diana resistiu à vontade de acelerar. Era-lhe difícil lembrar-se de manter alguma contenção com o sol do amanhecer a incidir-lhe nos ombros e o vento nas costas. Sentia-se forte. Mas era fácil sentir-se forte encontrando-se por sua conta.

Ouviu-se um *boom* a soar por cima das nuvens, um forte estrondo metálico como uma porta a bater com força. Diana vacilou. No horizonte azul, uma coluna de fumo erguia-se a ondular, com chamas na sua base. A escuna estava a arder, a proa despedaçada e um dos mastros partido, com a vela a arrastar-se sobre a amurada.

Diana deu por si a abrandar, mas obrigou-se a retomar o ritmo. Nada poderia fazer pela escuna. Aviões caíam. Barcos encalhavam nas rochas. Era a natureza do mundo mortal. Era um lugar onde podia haver desastres, o que acontecia com frequência. A vida humana era uma maré de sofrimento, que nunca atingia as costas da ilha. Diana focou o olhar no caminho. Muito, muito à frente conseguia ver o reflexo dourado do sol na grande cúpula de Bana-Mighdall. Primeiro, a bandeira vermelha, depois a coroa de louros. Era aquele o plano.

Escutou um grito, vindo de algures, transportado pelo vento.

Uma gaivota, disse a si própria. *Uma rapariga*, vincou uma outra voz dentro dela. *Impossível*. Um grito humano não poderia ser transportado a tão grande distância, pois não?

Não interessava. Não poderia fazer nada.

E, no entanto, o olhar incidiu de novo no horizonte. *Só quero ver melhor*, disse a si própria. *Tenho muito tempo. Vou à frente.*

Não havia qualquer motivo para abandonar o trilho antigo traçado por carroças, nenhuma lógica em fazer um desvio para a ponta rochosa, mas ainda assim foi o que ela fez.

As águas junto à costa encontravam-se calmas, cristalinas, num tom turquesa vivo. O mar mais para lá era outra coisa — bravio, de um azul profundo, um mar quase negro. A ilha poderia procurar agradá-la e às suas irmãs, mas o mundo para lá da fronteira não queria saber da felicidade ou segurança dos seus habitantes.

Mesmo ao longe, conseguiu perceber que a escuna se afundava. Mas não viu botes salva-vidas, nem foguetes luminosos de alerta, apenas pedaços de uma embarcação destruída transportados pelas ondas rolantes. Não havia nada a fazer. Diana esfregou intensamente os braços, sentindo um arrepio súbito, e tratou de regressar ao carreiro da carroça. Era assim a vida humana. Ela e Maeve tinham mergulhado várias vezes até junto da fronteira, nadaram por entre os destroços de aviões e veleiros e barcos a motor elegantes. A água salgada alterava a madeira, endurecia-a, pelo que não apodrecia. Com os mortais não se passava o mesmo. Eram alimento para os peixes de águas profundas, para tubarões — e eram alvo do tempo, que os devorava lenta e inexoravelmente, estivessem na água ou em terra.

Diana voltou a verificar a posição do sol. Conseguiria chegar a Bana-Mighdall em 40 minutos, talvez menos. Ordenou às suas

pernas que se mexessem. Perdera apenas uns minutos. Poderia recuperar. Em vez disso, olhou por cima do ombro.

Havia histórias, nos livros antigos, sobre mulheres que cometeram o erro de olhar para trás. Quando escapavam de cidades em chamas. Quando escapavam ao inferno. Mas Diana ainda assim olhou para o barco que se afundava nas grandes ondas, inclinado como a asa partida de uma ave.

Mediu a distância até ao topo da falésia. Havia pedras denteadas na base. Se não saltasse com impulso suficiente, o impacto seria horrível. De qualquer modo, não morreria da queda. *Isso é verdade para uma verdadeira amazona*, pensou ela. *Será verdade para ti?* Bem, *esperou* que a queda não a matasse. É claro que se não fosse a queda a fazê-lo, seria a sua mãe.

Diana olhou uma vez mais para os destroços e tomou impulso, correndo com toda a força, com os braços a dar e em passadas longas, acelerando, encurtando a distância até à ponta da falésia. *Para, para, para*, gritou-lhe a mente. *Isto é uma loucura*. Mesmo que houvesse sobreviventes, não poderia fazer nada por eles. Tentar salvá-los seria como pedir para ser exilada, e não haveria exceção à regra — nem sequer para uma princesa. *Para*. Não percebia bem porque é que não obedecia. Queria acreditar que se devia ao facto de bater no seu peito um coração de heroína que exigia uma resposta àquele apelo assustado. Mas mesmo ao lançar-se por cima da falésia para o céu vazio, percebeu que em parte era chamada pelo desafio que representava aquele grande mar cinzento que não queria saber se ela o amava.

O seu corpo traçou um pequeno arco no ar, com os braços a apontar como a agulha de uma bússola, orientando-lhe o rumo. Apontou para a água e cruzou a superfície com um mergulho limpo, os ouvidos enchendo-se de súbito de silêncio, os músculos tensos para enfrentarem o impacto brutal com as rochas. Mas não aconteceu. Disparou para cima, inspirou o ar, e nadou na direção da fronteira, os braços a cortar a água quente.

Sempre sentiu uma ligeira excitação ao aproximar-se da fronteira, quando a temperatura da água começava a mudar, o frio de início a tocar-lhe nas pontas dos dedos, e depois assentando no couro cabeludo e ombros. Diana e Maeve gostavam de nadar a partir das praias do sul, ousando ir cada vez mais longe. Uma vez avistaram

um navio a passar na névoa, os marinheiros de pé na popa. Um dos homens erguera um braço, apontando na direção delas. Mergulharam para se esconderem, gesticulando ferverosamente uma à outra por baixo das ondas, rindo tanto que quando atingiram a costa estavam ambas engasgadas com água salgada. *Podíamos ser sereias*, dissera Maeve aos gritinhos enquanto se deixavam cair na areia quente, só que nenhuma das duas sabia cantar. Passaram o resto da tarde a cantar, bem desafinadas, temas irlandeses sobre bebidas e a rirem-se loucamente até Tek dar com elas. Calaram-se então de pronto. Violar a fronteira era uma infração menor. Serem vistas por mortais junto da ilha era motivo para uma séria medida disciplinar. E o que estava Diana a fazer agora?

Para. Mas não podia fazê-lo. Não, com aquele agudo grito humano ainda a ecoar-lhe nos ouvidos. Diana sentiu o frio da água para lá da fronteira a envolvê-la por completo. O mar era agora seu dono, e não era amigável. A corrente prendeu-lhe as pernas, puxando-a para baixo, uma força enorme e rolante, um simples encolher de ombros de um deus. *Tens de dar luta*, compreendeu, obrigando os músculos a corrigir-lhe a rota. Nunca tivera de fazer frente ao mar.

Veio por instantes à superfície, tentando recompor-se enquanto as ondas se encrespavam em volta dela. A água encontrava-se repleta de destroços, papéis a flutuar, lascas de madeira, fibra de vidro partida, salva-vidas cor de laranja que a tripulação não terá tido tempo de vestir. Era quase impossível ver através da chuva e da bruma que envolviam a ilha.

O que estou aqui a fazer? perguntou a si própria. *Os barcos vêm e vão. Perdem-se vidas humanas*. Mergulhou de novo, espreitou por entre as águas cinzentas revoltas, mas não viu ninguém.

Diana voltou à superfície, com a sua própria estupidez a cravar-lhe uma dor crescente nas suas entranhas. Sacrificara a corrida. Era suposto ser o momento em que as suas irmãs a veriam como ela era verdadeiramente, a oportunidade de deixar a sua mãe orgulhosa. Em vez disso, desperdiçou a sua liderança, e para quê? Aqui não havia nada mais do que destruição.

Pelo canto do olho, viu um clarão branco, um grande pedaço do que poderia ter sido o casco do barco. Ergueu-se numa onda, desapareceu, subiu de novo e, desta vez, Diana avistou um braço

castanho esguio a segurar-se com força à lateral, dedos abertos, nós dobrados. E desapareceu.

Ergueu-se uma nova onda, uma grande montanha cinzenta. Diana mergulhou por debaixo, dando às pernas com força, e depois veio à superfície, à procura, com pedaços de madeira e fibra de vidro por todo o lado, sendo impossível distinguir um destroço do outro.

E ali estava de novo — um braço, dois braços, uma cabeça curvada e ombros curvados, camisola cor de limão, um emaranhado de cabelo escuro. Uma rapariga — ergueu a cabeça, arquejou por ar, os olhos escuros loucos de medo. Uma onda abateu-se sobre ela num borrifo de água branca. O pedaço do casco veio à tona. A rapariga desapareceu.

De novo para baixo. Diana apontou para o ponto onde vira a rapariga afundar. Vislumbrou um clarão amarelo e mergulhou para lá, agarrando o tecido e usando-o para a puxar para si. Um rosto de fantasma pairou sobre ela vindo da água escura — cabelo dourado, olhos azuis arregalados e sem vida. Nunca vira tão de perto um cadáver. Nunca vira um rapaz de perto. Recuou, largando a camisola dele, mas mesmo ao vê-lo desaparecer reparou nas diferenças — maxilar duro, testa ampla, tal como as imagens nos livros.

Voltou a mergulhar, mas desta vez não se desorientou — as ondas, os destroços, a ténue sombra da ilha na bruma. Se se afastasse mais, poderia não ser capaz de regressar.

Diana não conseguia libertar-se da imagem daquele braço esguio, a ferocidade naqueles dedos, agarrando-se com força à vida. *Mais uma vez*, disse a si própria. Mergulhou, com o frio da água agora a cingir-lhe rapidamente os ossos, penetrando mais fundo.

Num momento, o mundo era composto por uma corrente cinzenta e um mar escuro e no seguinte ali estava a rapariga com a sua camisola cor de limão, rosto para baixo e braços e pernas estendidos como uma estrela. Tinha os olhos cerrados.

Diana agarrou-a pela cinta e impulsionou ambas para a superfície. Por um aterrador segundo, não deu com a forma da ilha, e então a névoa apartou-se. Deu às pernas para avançar, apertando desajeitadamente a rapariga contra o peito com um braço, os dedos do outro à procura de pulsação. *Cá está* — sob o maxilar, leve e

quase impercetível, mas ali estava. Apesar de a rapariga não estar a respirar, o seu coração ainda batia.

Diana hesitou. Conseguia ver os contornos de Filos e Ecthor, as rochas que assinalavam o início da fronteira. A regra era clara. Não se pode deter a maré mortal da vida e da morte, e a ilha nunca deveria ser tocada por ela. Não havia exceções. Nenhum humano poderia ser levado para Themyscira, mesmo que fosse para salvar uma vida. Quebrar essa regra significava uma única coisa: exílio.

Exílio. A palavra era uma pedra, um lastro indesejado, um peso insuportável. Uma coisa era violar a fronteira, mas o que ela fez a seguir poderia afastá-la para sempre da ilha, das suas irmãs e da sua mãe. O mundo parecia demasiado grande, o mar demasiado profundo. *Larga-a*. Era tão simples quanto isso. Se largasse a rapariga seria como se Diana nunca tivesse saltado da falésia. Sentir-se-ia de novo leve, livre do seu fardo.

Diana pensou na mão da rapariga, no aperto feroz dos seus nós dos dedos, a determinação férrea no seu olhar antes de ser puxada para baixo pela onda. Sentiu o ritmo irregular do pulso da rapariga, um bater distante — viva, viva.

Nadou para a costa.

Ao passar pela fronteira com a rapariga agarrada, a névoa dissipou-se e a chuva desapareceu. Sentiu o calor a retornar ao seu corpo. A água calma pareceu-lhe estranhamente sem vida depois da sova dada pelo mar, mas Diana não ia queixar-se.

Quando sentiu o toque do chão arenoso, fez força para cima, mudando o modo como carregava a rapariga para levá-la pela água rasa. Era estranhamente leve, quase insubstancial. Era como transportar o corpo de um pardal nas mãos em concha. Não era de admirar que o mar tivesse dominado tão bem esta criatura e os seus companheiros de tripulação; parecia efémera, o molde de um artista para um corpo feito de gesso.

Diana pousou-a suavemente na areia e voltou a verificar-lhe o pulso. O coração não batia. Sabia que tinha de pôr o coração da rapariga a bater de novo, expulsar-lhe a água dos pulmões, mas a sua memória sobre como fazê-lo estava um pouco enevoada. Diana estudara o essencial sobre reanimar uma vítima afogada, mas nunca tivera de o pôr em prática fora de uma sala de aulas. Era possível que na altura não tivesse estado muito atenta. Qual era a

probabilidade de uma amazona se afogar, principalmente nas águas calmas de Themyscira? E agora a sua desatenção poderia custar a vida a esta rapariga.

Faz alguma coisa, disse a si própria, tentando esquecer o pânico. *Para que é que a arrancaste da água se ias ficar aí sentada como um coelho assustado?*

Diana assentou dois dedos no esterno da rapariga e depois desceu até ao que esperou que fosse o ponto certo. Uniu as mãos e pressionou. Os ossos da rapariga dobraram sob as suas palmas. Diana rapidamente deixou de exercer pressão. Afinal de contas, de que era feita esta rapariga? De madeira balsa? Parecia tão sólida como os modelos dos monumentos do mundo que Diana fora obrigada a construir nas aulas. Suavemente, voltou a pressionar, e outra vez. Tapou o nariz da rapariga com os dedos, colou a boca aos seus lábios frios como a morte e soprou.

O sopro infiltrou-se no peito da rapariga e Diana viu-o subir, mas desta vez a força extra pareceu ser algo positivo. De repente, a rapariga começou a tossir, com o corpo em convulsão enquanto cuspia água salgada. Diana sentou-se sobre os tornozelos e soltou uma curta gargalhada. Conseguira. A rapariga estava viva.

A enormidade do seu feito espantou-a. Por todos os cães de Hades: conseguira. A rapariga estava viva.

E a tentar sentar-se.

— Vamos lá — disse Diana, abraçando a rapariga pelas costas. Não podia ficar ali de joelhos a vê-la a tombar na areia como um peixe, e não é que pudesse devolvê-la ao mar. Poderia? Não. Os mortais eram nitidamente muito bons a afogarem-se.

A rapariga agarrou-se ao peito, respirando de forma intensa e atabalhoada.

— Os outros... — arquejou. Tinha os olhos tão arregalados que Diana via o branco a envolver por completo as suas íris. Tremia, mas não sabia ao certo se se devia ao frio ou ao choque.

— Temos de ajudá-los...

Diana abanou a cabeça. Se houvesse outros sinais de vida nos destroços do naufrágio, não os vira. Além disso, o tempo passava mais depressa no mundo mortal. Mesmo que nadasse de volta para lá, a tempestade já há muito que teria ido, tal como corpos ou destroços.

— Foram-se — disse Diana, desejando de pronto ter escolhido melhor as palavras. A boca da rapariga abriu e fechou. O seu corpo tremia tanto que Diana achou que poderia desfazer-se. Isso não era possível, pois não?

Diana olhou para as escarpas sobranceiras à praia. Alguém poderia tê-la visto a nadar. Estava confiante de que nenhuma outra corredora escolhera este percurso, mas qualquer uma poderia ter visto a explosão e aparecido para ver do que se tratava.

— Preciso de te tirar da praia. Consegues andar? — A rapariga assentiu com a cabeça, mas batia com os dentes e não mostrou intenção de se mexer. Diana vasculhou de novo as escarpas.

— A sério, tens de te levantar.

— Estou a tentar.

Não lhe pareceu que estivesse a tentar. Diana rebuscou na sua memória tudo o que lhe tinham contado sobre os mortais, as coisas simples — hábitos de alimentação, temperatura corporal, normas culturais. Infelizmente, a sua mãe e as suas tutoras estavam mais focadas naquilo a que Diana se referia como Alertas Terríveis: Guerra. Tortura. Genocídio. População. Erros gramaticais.

A rapariga a tremer diante dela parecia não se enquadrar na categoria Alertas Terríveis. Parecia ter a mesma idade de Diana, pele castanha e o seu cabelo era um emaranhado de finas tranças compridas cobertas de areia. Estava nitidamente demasiado fraca para magoar alguém que não fosse ela própria. Ainda assim, poderia ser extremamente perigosa para Diana. Perigosa tipo exílio. Perigosa tipo banida-para-sempre. Era melhor não pensar nisso. Em vez disso, recordou as suas aulas com Teuta. *Traça um plano. As batalhas muitas vezes perdem-se por as pessoas não saberem que luta travam.* Muito bem. A rapariga, naquele estado, não iria longe. Talvez isso fosse bom, tendo em conta que Diana não tinha onde a levar.

Pousou o que achou que seria uma mão reconfortante no ombro da rapariga.

— Escuta, sei que te sentes fraca, mas é melhor tentarmos sair da praia.

— Porquê?

Diana hesitou, e depois optou por uma resposta que era tecnicamente verdade, embora não totalmente precisa.

— Maré alta.

Pareceu resultar, porque a rapariga assentiu com a cabeça. Diana levantou-se e estendeu-lhe uma mão.

— Estou bem — disse a rapariga, ajoelhando-se e depois pondo-se de pé.

— És teimosa — comentou Diana com uma certa dose de respeito. A rapariga quase se afogara e parecia tão sólida como madeira à deriva no mar, mas não ansiava por ajuda — e sem dúvida que não iria apreciar o que Diana sugeriu a seguir. — Tens de subir para as minhas costas.

A rapariga enrugou a testa.

— Porquê?

— Porque acho que não consegues subir a escarpa.

— Não há um caminho?

— Não — respondeu Diana. Era pura mentira. Em vez de discutir, Diana virou-lhe as costas. Pouco depois, sentiu um par de braços em volta do pescoço. A rapariga saltou para as cavalitas dela e Diana estendeu os braços para trás para lhe agarrar as coxas e a posicionar. — Agarra-te bem.

Os braços da rapariga cingiram-lhe a traqueia.

— Não apertes tanto! — Diana sufocou.

— Desculpa! — Soltou o aperto.

Diana partiu em passo de corrida.

A rapariga resmungou.

— Mais devagar. Acho que vou vomitar.

— Vomitar? — Diana passou revista às funções corporais dos mortais e de pronto abrandou. — *Não* faças isso.

— Não me deixes cair.

— Pesas tanto como um par de botas pesado. — Diana abriu caminho por entre os grandes pedregulhos encostados à base da escarpa. — Preciso dos meus braços para trepar, por isso vais ter de te prender também com as pernas.

— Trepar?

— A escarpa.

— Vais levar-me pela parede da escarpa acima? Perdeste a cabeça?

— Agarra-te lá e tenta não me estrangular. — Diana cravou os dedos na rocha e começou a distanciar-se do solo antes que a rapariga pudesse pensar demasiado no assunto.

Avançou com rapidez. Era território familiar. Diana escalara estas falésias inúmeras vezes desde que começara a visitar a costa norte e aos 12 anos descobrira a gruta para onde se dirigiam. Havia outras grutas, mais abaixo na face da escarpa, mas enchiam quando a maré subia. Além disso, era muito fácil trepar para lá se alguém ficasse curioso.

A rapariga voltou a resmungar.

— Estamos quase lá — encorajou-a Diana.

— Não vou abrir os olhos.

— Provavelmente, é melhor assim. Só não... tu sabes.

— Vomito por cima de ti.

— Sim — disse Diana. — Isso mesmo. — As Amazonas não adoeciam, mas os vómitos eram citados em muitos romances e eram descritos com muito requinte no seu livro de anatomia. Felizmente, não havia ilustrações.

Diana finalmente içou-as para o torrão na rocha que assinalava a entrada da gruta. A rapariga rebolou e soltou um longo suspiro. A gruta era alta, estreita e surpreendentemente funda, como se alguém tivesse levado um cutelo para o centro da escarpa. As suas paredes de pedra de um preto brilhante eram perpetuamente humedecidas com os borrifos do mar. Quando era mais nova, Diana gostava de fingir que se continuasse a caminhar a gruta atravessaria a escarpa e daria acesso a uma terra completamente diferente. Não dava. Era apenas uma gruta e permaneceria uma gruta por muito que desejasse o contrário.

Diana aguardou que os seus olhos se habituassem à escuridão e depois arrastou-se mais para o interior. A velha manta preta de montar ainda lá estava — embrulhada num oleado e praticamente seca —, assim como a sua pequena lata com provisões.

Envolveu os ombros da rapariga com a manta.

— Não vamos para o alto? — perguntou a rapariga.

— Para já, não. — Diana tinha de regressar à arena. A corrida por esta altura deveria estar prestes a terminar e ela não queria que as pessoas percebessem a sua ausência e começassem a perguntar-se onde ela andara. — Tens fome?

A rapariga abanou a cabeça.

— Temos de ligar à polícia. Busca e salvamento.

— Isso não é possível.

— Não sei o que aconteceu — disse a rapariga, recomeçando a tremer. — A Jasmine e o Ray estavam a discutir com a Dra. Ellis e então...

— Houve uma espécie de explosão. Eu vi da costa.

— A culpa é minha — disse a rapariga, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces. — Morreram e a culpa é minha.

— Não digas isso — disse Diana suavemente, sentindo uma pontada de pânico. — Houve uma tempestade. — Pousou a mão no ombro da rapariga. — Como é que te chamas?

— Alia — respondeu, enterrando a cabeça nos braços.

— Alia, tenho de ir, mas...

— Não! — disse Alia, com determinação. — Não me deixes aqui.

— Tem de ser. Eu... preciso de ir buscar ajuda. — Aquilo de que Diana precisava era de regressar a Éfeso e descobrir uma forma de tirar a rapariga da ilha antes que alguém a descobrisse.

Alia agarrou-lhe o braço com força e uma vez mais Diana recordou a forma como ela se agarrara àquele pedaço do casco.

— Por favor — pediu Alia. — Depressa. Talvez eles possam mandar um helicóptero. Pode haver sobreviventes.

— Volto assim que possa — prometeu Diana. Apontou a pequena caixa de metal para a rapariga. — Aqui dentro há pêssegos secos, sementes e um pouco de água fresca. Não bebas tudo de uma vez.

As pálpebras de Alia tremelicaram.

— Tudo de uma vez? Quanto tempo vais estar fora?

— Talvez umas horas. Regresso mal possa. Mantém-te quente e descansa. — Diana ergueu-se. — E não saias da gruta.

Alia ergueu o olhar para ela. Os seus olhos eram de um castanho profundo e tinham umas pestanas grandes, o olhar receoso mas firme. Pela primeira vez desde que Diana a puxara da água, Alia pareceu vê-la verdadeiramente.

— Onde é que estamos? — perguntou. — Que lugar é este?

Diana não soube bem o que responder, por isso, limitou-se a dizer:

— É a minha casa.

Agarrou-se de novo à rocha e baixou-se para sair da gruta antes que Alia perguntasse algo mais.

CAPÍTULO 2

Deveria tê-la amarrado?, questionou-se Diana enquanto escalava a escarpa, com o sol do meio-dia a aquecer-lhe os ombros depois do frio da gruta. *Não.* Não tinha corda e atar uma rapariga que quase morrera não lhe pareceu uma atitude correta. Mas precisava de ter respostas para lhe dar quando regressasse. Alia ficara abalada com o naufrágio, mas estava a voltar a si e nitidamente não era estúpida. Não iria ficar contente em permanecer muito tempo na gruta.

Diana avançou em passos mais largos. Não valia a pena ir até Bana-Mighdall buscar a bandeira. Regressaria à arena e arranjaria uma desculpa, mas não conseguia pensar em mais nada. Quanto mais se afastou da falésia, mas idiota lhe pareceu a sua ideia. Um medo arrepiante instalou-se nas suas costelas. A ilha tinha as suas próprias regras, as suas próprias proibições, e havia motivos para todas elas. Nada de transportar armas, a não ser para treino ou exposição. As poucas missões permitidas fora da ilha eram as sancionadas pelo Conselho de Amazonas e pela Oráculo — e mesmo nesses casos, apenas para preservar o isolamento de Themyscira.

Tinha de devolver Alia ao mundo mortal o mais depressa possível. Iriam decorrer dias entre os humanos enquanto Alia esperava na gruta. Barcos de salvamento poderiam ser enviados para procurar a embarcação perdida. Se Diana fosse suficientemente rápida, talvez

pudesse levar Alia dali para fora noutro barco para que se encontrasse com eles. Mesmo que a rapariga falasse de Themyscira às autoridades e por acaso acreditassem nela, não haveria forma de descobrir o caminho de volta para a ilha. O urro profundo de uma trombeta soou vindo de Éfeso e Diana sentiu um baque no coração. A corrida terminara. Alguém reclamara a coroa de louros que ela estava tão certa que usaria hoje. *Salvei uma vida*, lembrou a si própria, mas o pensamento não se revelou muito reconfortante. Se alguém descobrisse o que se passava com Alia, Diana seria expulsa definitivamente de casa. De todas as regras da ilha, a proibição da entrada de estranhos era a mais sagrada. Apenas as amazonas que conquistaram o direito de viver em Themyscira pertenciam aqui. Morreram em glória em batalha, provando a sua coragem e generosidade, e se nos seus derradeiros momentos gritaram a uma deusa, poderá ter-lhes sido oferecida uma nova vida, uma nova paz e honra entre irmãs. Atena, Chandraghanta, Pele, Banba. Deusas de todo o mundo, guerreiras de todas as nações. Cada amazona mereceu o seu lugar nesta ilha. Todas menos Diana, naturalmente.

Aquele formigueiro cingiu-se nas suas entranhas. Talvez salvar Alia não tivesse sido um passo em falso, mas algo escrito no destino de Diana. Se ela nunca pertenceu verdadeiramente a esta ilha, talvez o exílio fosse inevitável.

Estugou o passo assim que as torres de Éfeso surgiram à vista, mas sentiu um peso nos pés devido ao medo. Como é que poderia encarar a sua mãe depois disto?

Em breve, a terra da estrada deu lugar às lajes grossas de pedra de Ístria, brancas e gastas sob os seus pés descalços. Ao entrar na cidade, teve a sensação de que as outras pessoas olhavam para ela desde as suas varandas e jardins, os seus olhos curiosos seguindo o seu caminho até à arena. Era um dos edifícios mais belos da cidade, uma coroa de pedra branca reluzente empoleirada sob arcos elegantes, cada um deles brasonado com o nome de uma campeã diferente.

Diana passou sob o arco dedicado a Pentesileia. Ouvia os aplausos e os pés a bater e quando emergiu na arena iluminada pela luz do sol, a visão que a saudou era pior do que esperara. Não se limitara a perder. Fora a última a regressar. As vencedoras estavam no pódio e a entrega dos louros já se iniciara. Naturalmente, Rani fora

a primeira. Na sua vida de mortal fora corredora de longa distância, assim como enquanto amazona. A parte pior era Diana gostar tanto dela. Era tremendamente humilde e amável e até se oferecera para ajudar Diana a treinar. Diana pensou se seria cansativo ser esplêndida a todo o momento. Talvez os heróis fossem assim mesmo.

Conforme avançou para o estrado, obrigou-se a sorrir. Apesar de o sol ter ajudado a que secasse, estava bem ciente da sua túnica encorrilhada e dos nós no cabelo devido ao sal da água. Talvez se fingisse que a corrida não era importante, não fosse mesmo. Mas dera apenas uns passos quando Tek emergiu de entre a multidão e lhe pôs um braço sobre o pescoço.

Diana retesou-se e depois odiou-se por causa disso pois sabia que Tek iria perceber.

— Au, pequena Pyxis — cantarolou Tek —, ficaste presa na lama?

Um silvo suave ergueu-se das pessoas que se encontravam por perto. Todas perceberam o insulto. Diana não fora forjada em batalha; fora esculpida do barro.

Diana sorriu.

— Tiveste saudades minhas, Tek? Tem de haver mais alguém aqui por perto para julgares.

Uns quantos risos abafados ecoaram na multidão. *Segue em frente*, disse Diana a si própria. *Mantém a cabeça erguida*. O problema é que Tek nascera general. Pressentia a fraqueza e sabia exatamente onde encontrar as fendas. *Tens de responder à letra*, avisara-a Maeve, *ou a Tek não recua. Ela é cautelosa junto da Hipólita, mas hás de ser tu a sentares-te naquele trono.*

Não se a Tek levar a sua avante, pensou Diana.

— Não te preocupes, Pyxis — disse Tek. — Podes sempre tentar para a próxima. E na vez seguinte.

Conforme Diana avançou por entre as espetadoras, ouviu as aliadas de Tek a intrometerem-se.

— Talvez na próxima corrida mudem a linha de chegada — disse Otrera.

— Porque não? — replicou Thyra. — Quando se é da realeza as regras são diferentes.

Foi uma descortesia em relação à sua mãe, mas Diana sorriu como se nada no mundo a pudesse incomodar.

— É fantástico como há gente que não se cansa da mesma canção, não é? — disse ela enquanto avançava sem pressas para os degraus de acesso ao camarote real. — Aprendem uma dança e depois não saem do mesmo.

Algumas das mirones assentiram em aprovação. Queriam uma princesa que não vacilasse face às farpas, que se mantivesse firme, que conseguisse ripostar com palavras em vez de com os punhos. Afinal de contas, que mal causara a Tek? Às vezes, Diana desejava que Tek a desafiasse abertamente. Perderia, mas preferia ser derrotada a fingir constantemente que as provocações e as punhaladas não a incomodavam. Era cansativo saber que sempre que falhava haveria alguém para reparar.

Mas isso não era o pior. Tek, pelo menos, era sincera em relação ao que pensava. O mais difícil era saber que muitas pessoas que agora lhe sorriam, apesar serem amáveis com ela, mostrarem-se leais por ser filha de quem era e adorarem a sua rainha, nunca acreditariam no valor de Diana — não teria valor para caminhar entre elas e por certo não teria valor para usar a coroa. E tinham razão. Diana era a única amazona que nascera amazona.

Se Tek soubesse de Alia, se descobrisse o que Diana fizera, teria tudo o que queria: Diana banida da ilha, a rapariga de argila perdida para o Mundo do Homem — e Tek nunca teria de desafiar abertamente Hipólita.

Bem, ela não vai descobrir, prometeu Diana a si mesma. *Tem de haver uma forma de tirar a Alia da ilha*. Diana necessitava apenas de arranjar um barco, meter lá Alia e encontrar um humano do outro lado da fronteira.

Ou poderia contar a verdade. Enfrentar o ridículo, um julgamento se tivesse sorte, exílio instantâneo se não tivesse. As ordens das deusas que formaram Themyscira não eram para ser levadas com leveza e não haveria ofertas ou orações a Atena que alterassem o que ela fizera. Será que a mãe de Diana a defenderia? Daria alguma desculpa para os erros da filha? Ou seguiria apenas o castigo exigido pela lei? Diana não sabia o que seria pior.

Esquece. Desse por onde desse, iria arranjar um barco.

Subiu os degraus até ao camarote da rainha, bem ciente de que as atenções se tinham desviado das vencedoras no pódio para si. A luz infiltrava-se pela aba de seda, projetando o azul e vermelho na

tribuna à sombra, jasmim a jorrar da sua balaustrada em nuvens de odor adocicado. Em Themyscira, o ano não se dividia em estações, mas Hipólita mandava mudar as videiras e as plantas em cada equinócio e solstício. *Temos de assinalar o tempo*, dissera a Diana. *Temos de nos esforçar por manter a nossa ligação ao mundo mortal. Não somos deuses. Temos sempre de nos lembrar que nascemos mortais.*

Nem todas, pensara Diana na altura, mas sem o verbalizar. Às vezes até parecia que Hipólita esquecera as origens de Diana. Ou talvez fosse propositado. *Quando se é da realeza as regras são diferentes.*

Diana não duvidava que a sua mãe a vira assim que entrara na arena, mas agora Hipólita virou-se como se a visse pela primeira vez e sorriu para lhe dar as boas-vindas.

Abriu os braços e deu um rápido abraço a Diana. Era o comportamento adequado. Diana perdera. Se a mãe se mostrasse muito calorosa, seria entendido como uma tontice ou desadequado. Se tratasse Diana com excessiva frieza, poderia ser entendido como rejeição e poderia ter repercussões de longo alcance. O abraço fora o que devia ser e nada mais, equilibrado no gume da política. Assim sendo, porque é que lhe apertava o coração?

Diana sabia desempenhar o seu papel. Permaneceu ao lado da mãe enquanto colocaram as coroas de louros nas cabeças das vencedoras, sorriu e deu os parabéns às competidoras da manhã. Mas o nó frio de preocupação que tinha na barriga parecia ter lançado tentáculos, que a cada momento se apertavam com mais força. Disse a si própria para não se impacientar, para parar de verificar a posição do sol no céu. Tinha a certeza de que a sua mãe perceberia que se passava algo de errado. Diana já contava que Hipólita censurasse o seu comportamento devido à vergonha de perder a corrida.

Os jogos prosseguiriam durante a tarde, seguidos por uma nova peça à noite no anfiteatro. Diana esperava estar de volta à gruta muito antes disso, mas não havia como escapar ao primeiro banquete. Mesas compridas tinham sido dispostas nos jardins ao lado da arena, repletas de pão quente, montes de chocos escalfados, tiras grelhadas de veado e ânforas de vinho e leite de égua.

Diana obrigou-se a servir-se de algum arroz e peixe, e empurrou um pedaço de favo de mel fresco pelo prato. Por norma, era o seu preferido, mas a preocupação tirara-lhe a fome. Detetou o olhar

inquisidor de Maeve na ponta da mesa, mas teve de permanecer com a sua mãe. Além disso, o que iria dizer exatamente a Maeve? *Eu sem dúvida que teria ganhado, mas estava ocupada a violar uma lei divina*.

— Em Pontus teríamos cordeiro assado no espeto — comentou Tek, empurrando o veado no seu prato. — Carne adequada, não esta espécie de caça.

Na ilha, não havia animais criados para serem abatidos. Se se queria carne, era preciso caçá-la. Não era uma regra criada pelas deusas, nem uma exigência da ilha, mas uma lei de Hipólita. Ela valoriza a vida. Tek valoriza o estômago.

Hipólita limitou-se a rir.

— Se não achas a carne merecedora de ser ingerida, bebe mais vinho.

Tek ergueu o seu copo e brindaram, e depois uniram as cabeças e puseram-se aos risinhos como duas raparigas. Diana nunca vira alguém fazer Hipólita rir como Tek. Lutaram lado a lado no mundo mortal, governaram juntas, discutiram juntas, e juntas escolheram virar costas ao Mundo do Homem. Eram *prota adelfis*, as primeiras amazonas de Themyscira, irmãs em tudo menos no sangue. Tek não odiava Hipólita — Diana tinha quase a certeza que não *poderia* odiá-la —, apenas o que ela fizera quando criara Diana. Hipólita gerara uma vida a partir do nada. Dera à luz uma rapariga em Themyscira. Fizera uma amazona quando apenas os deuses poderiam criar tal coisa. Em tempos, quando Diana era apenas uma criança, acordara no seu quarto no palácio com elas a discutir. Descera da sua cama, com o mármore frio sob os seus pés, e fora em pezinhos de lã até ao Pátio de Iolanth.

Era o coração do lar delas, um amplo terraço com colunas graciosas, sobranceiro aos jardins mais abaixo e à cidade para lá destes. O palácio estava repleto de objetos alusivos ao mundo que a sua mãe conhecera antes da ilha — uma taça dourada, um cálice raso preto pintado com dançarinas, uma sela de feltro com borlas — peças de um puzzle que Diana nunca conseguira encaixar numa história global. Mas o Pátio de Iolanth não ocultava mistérios. Estendia-se pelo comprimento do lado ocidental do palácio, sendo aberto em três lados para ser constantemente inundado pela luz do sol e pelo som de fontes que borbulhavam nos jardins mais abaixo. Plumérias

doces e cerosas entrançavam-se nas suas colunas e a balaustrada contava com laranjeiras em vasos que atraíam o zumbido mexeriqueiro das abelhas e dos beija-flores.

Diana e a sua mãe tomavam lá a maior parte das suas refeições, numa mesa comprida que estava sempre cheia de manuais escolares de Diana, copos meios vazios de vinho ou água, uma travessa de figos, ou salpicos de flores acabadas de cortar. Era onde Hipólita dava as boas-vindas às novas amazonas que chegavam a Themyscira depois de purificadas, com uma voz grave e graciosa ao explicar as regras da ilha.

Mas com Tek, Hipólita deixava de ser a rainha solene e benevolente. Também não era a mãe que Diana conhecia; era outra pessoa, alguém um pouco mais selvagem e descuidada, alguém que se sentava de forma desleixada na cadeira e roncava ao rir.

Naquele momento, Hipólita não ria. Andava de um lado para o outro no terraço, com as sedas da sua túnica cor de açafrão a ondear atrás dela como um estandarte de guerra.

— Ela é apenas uma *criança*. Não há nada de perigoso nela.

— É um perigo para o nosso modo de vida — disse Tek. Estava sentada num banco na mesa comprida com o seu traje de montar, cotovelos assentes na mesa, pernas esticadas diante dela. — Conheces a lei. Nada de forasteiros.

— Ela não é uma forasteira. É uma miudinha. Foi feita a partir da própria terra desta ilha, moldada pelas minhas próprias mãos. Ela nunca esteve *lá fora*.

— Há regras, Hipólita. Nós somos imortais. Não é suposto concebermos e a ilha destina-se àquelas de nós que conheceram os perigos do Mundo do Homem, que sabem o que é lutar contra a maré infindável de violência mortal, que escolheram virar costas a isso. Não tens o direito de tomar essa decisão pela Diana.

— Ela vai ser criada num mundo sem conflitos. Irá pisar uma terra onde nunca foi derramado sangue.

— Então, como é que há de saber dar-lhe valor? Esta não era a pretensão dos deuses. Houve motivos para fazerem as suas leis, e tu subverteste-as.

— Os deuses abençoaram-na! Dotaram-na de capacidade de respirar, fizeram com que o meu sangue lhe fluísse nas veias, concederam-lhe os seus dons. — Sentou-se ao lado de Tek. — Sê sensata.

Achas que foi o meu poder que lhe deu vida? Sabes bem que nenhuma de nós dispõe da magia para fazê-lo.

Tek pegou nas mãos de Hipólita. Sentadas assim, de mãos dadas, pareciam estar a estabelecer um pacto, como se fossem coniventes num plano maravilhoso.

— Hipólita — disse Tek gentilmente —, quando é que os deuses fazem tal oferenda sem reclamarem o preço? Há sempre um perigo, sempre um custo a pagar, mesmo se ainda não o vimos.

— O que é que querias que eu tivesse feito?

— Não sei. — Tek ergueu-se e pousou as mãos na balaustrada, olhando para a extensão escura de cidade e mar. Diana lembrava-se de se ter surpreendido com a quantidade de lanternas ainda acesas nas casas lá em baixo, como se fosse a hora designada para as adultas discutirem. — Deixaste-nos numa posição impossível. Haverá consequências, Hipólita, e tudo por causa de algo que reclamas como teu.

— Ela pertence-*nos*, Tek. A todas nós. — Hipólita assentou uma mão no braço de Tek e por momentos Diana achou que se tivessem entendido, mas então Tek afastou-a.

— *Tu* fizeste uma escolha. Digas o que disseres para te convenceres, Alteza, todas pagaremos por isso.

Diana viu agora Tek e a mãe a falarem como se aquela discussão e todas as outras que se seguiram não tivessem importância, como se o facto de Tek atormentar Diana fosse uma simples brincadeira. Hipólita sempre desvalorizara o comportamento de Tek, a sua frieza, considerando que iria desaparecer com o passar dos anos, sem que qualquer desastre se abatesse sobre Themyscira. Em vez disso, só piorou. Diana tinha quase 17 anos e a única coisa que parecia ter mudado era o facto de ser agora um alvo maior.

O olhar de Diana incidiu no relógio de sol no centro do recinto do banquete. Alia já estava na gruta há quase três horas. Diana não tinha tempo para se incomodar com Tek. Precisava de descortinar uma forma de deitar a mão a um barco.

Parecendo ter lido a mente de Diana, Tek disse:

— Precisas de ir a algum lado, princesa?

Tinha os olhos ligeiramente estreitados, num olhar inquisidor. Tek era demasiado perspicaz. Provavelmente, seria isso que fazia dela uma grande líder.

— Não estou a ver onde — disse Diana, num tom agradável. — Se não te conhecesse bem, diria que me queres ver pelas costas.

— Essa agora, onde foste buscar essa ideia?

— Já chega — disse Hipólita com um agitar de mão, como se pudesse simplesmente varrer a discórdia. E, sem surpresa, as músicas começaram a tocar e a mesa encheu-se de canções e risos.

Diana remexeu a comida que tinha no prato e esforçou-se ao máximo por se mostrar alegre enquanto o sol avançava em arco para oeste. Não poderia ser a primeira a sair e arriscar-se a dar a ideia de que amuara depois da derrota. Por fim, Rani levantou-se da mesa e espreguiçou-se.

— Quem quer correr até à praia? — perguntou. Ergueu a bandeira vermelha de seda e gritou: — Apanhem-me, se puderem!

Cadeiras foram empurradas para trás conforme as amazonas se levantaram, entre uma gritaria e vivas, para seguirem Rani até à costa antes que se iniciasse a ronda seguinte dos jogos. Diana aproveitou para se escapulir até ao recanto onde Maeve a esperava. Vestia uma túnica de veludo enrugado verde-pálida que mal podia ser considerada um vestido, à qual juntara apenas um par de sandálias e um aro de contas verde-vivo entrançado no seu cabelo ruivo.

— Acho que és capaz de sentir falta das tuas calças — comentou Diana quando Maeve encaixou um braço no seu e se dirigiram ao palácio.

— Há duas coisas que adoro neste lugar... a ausência de chuva e a ausência de decoro. Santa Mãe de Todas as Coisas Boas, estava a ver que a refeição nunca mais acabava.

— Como te entendo. Fiquei sentada em frente à Tek.

— Ela foi horrível?

— Não mais do que o habitual. Acho que se foi portando bem por causa da minha mãe e da Rani.

— *É* difícil ser mesquinha perto da Rani. Ela faz sempre com que sintas que aproveitarias melhor o tempo se estivesses a melhorar-te a ti própria.

— Ou a ornamentar o perfil dela numa moeda. — Passaram sob uma colunata repleta de videiras enroscadas. — Maeve — disse Diana o mais descontraidamente que pôde —, sabes se o Conselho mencionou alguma missão no horizonte para breve?

— Não comeces outra vez com isso.

— Só perguntei.

— Mesmo que, se por acaso o fizessem, sabes que a tua mãe nunca te deixaria ir.

— Ela não pode manter-me aqui eternamente.

— Na verdade, até pode. É a rainha, lembras-te? — Diana fez um olhar carrancudo, mas Maeve prosseguiu. — Vai recorrer a todas as desculpas para te manter aqui, e ainda hoje lhe deste uma bem boa. O que é que se passou? O que é que correu mal?

Diana hesitou. Não queria mentir a Maeve. Não queria mentir a ninguém. Mas, se partilhasse este segredo, Maeve seria obrigada a revelar o crime de Diana ou guardar segredo e arriscar-se ela própria a ser exilada.

— Havia pedras a bloquearem a estrada no norte — disse Diana. — Foi uma espécie de derrocada.

Maeve franziu o sobrolho.

— Uma derrocada? Achas que alguém te seguiu? Conhecia o teu percurso?

— Não estás mesmo a sugerir que houve sabotagem? A Tek nunca...

— Não?

Não, pensou Diana, sem materializar as palavras. *A Tek não acha que seja preciso sabotar-me. Acha que fracasso sozinha.* E Diana provara que tinha razão.

— Ei — disse Maeve, apertando com força os ombros de Diana. — Vai haver outras corridas, e...

Maeve agarrou o braço de Diana. Revirou os olhos para trás e vacilou.

— Maeve! — arquejou Diana. Maeve desabou sobre os seus joelhos. Diana enroscou um braço pela cinta dela, amparando-a. Algo se passava de errado com a pele da amiga. Era demasiado quente ao toque. — O que se passa? O que foi?

— Não sei — arfou Maeve, após o que se dobrou para a frente, soltando um uivo de dor. Diana sentiu-o um segundo depois, o eco do sofrimento de Maeve. Todas as amazonas estavam unidas por sangue, até Diana, através da mãe. Quando uma sentia dor, todas a partilhavam.

Já havia várias mulheres a correr na direção delas, com Tek na dianteira delas.

— O que é que se passou? — perguntou Tek, ajudando Diana a reerguer Maeve.

— Nada — disse Diana, num pânico crescente. — Estávamos a conversar normalmente e ela...

— Pelos cães do inferno — praguejou Tek. — Ela está a arder em febre.

— Uma infeção? — perguntou Thyra.

Diana abanou a cabeça.

— Não tem ferimentos.

— Terá sido alguma coisa que comeu? — sugeriu Otrera.

Tek escarneceu da ideia.

— No banquete? Não sejas ridícula. Maeve, andaste a forragear hoje? Comeste alguma coisa na floresta? Cogumelos? Bagas?

Maeve abanou a cabeça. O corpo dela entrou em convulsão com um soluço esganiçado.

— Vamos levá-la para a cama e tentar arrefecer-lhe o corpo — instruiu Tek. — Vão buscar água e gelo às cozinhas. Thyra, vai chamar a Yijun. Ela tem experiência em medicina. Vamos levar a Maeve para o dormitório do palácio.

— A Maeve agora vive no Caminus — disse Diana. As novas amazonas passavam os seus primeiros anos no dormitório ligado ao palácio antes de escolherem a parte da cidade onde queriam viver. Diana visitara ainda há dias os novos aposentos de Maeve.

— Se for uma doença contagiosa, quero-a isolada. O dormitório está vazio e é fácil pô-la de quarentena.

— Contagiosa? — questionou Otrera, horrorizada.

— Vai — ordenou Tek.

Thyra correu na direção da cidade para procurar a médica e Diana saiu disparada para as cozinhas do palácio para ir buscar um jarro com gelo. Quando encontrou Maeve e Tek no dormitório, a primeira estava enroscada sob um lençol fino, a tremer. Diana pousou o jarro e olhou para a sua amiga sem saber o que fazer.

— O que é que ela tem?

— Parece febre — respondeu Tek num tom sombrio. — Está doente.

Não podia estar a acontecer. Não era possível.

— As Amazonas não adoecem.

— Bem, ela adoeceu — ripostou Tek.

Thyra entrou a correr no quarto, com o seu cabelo dourado a esvoaçar.

— A médica vem a caminho, mas soaram mais dois alarmes na cidade.

— Febres? Estiveram no banquete?

— Não sei, mas...

De repente, todo o quarto pareceu mover-se. As paredes abanaram e o chão ondulou como uma fera a despertar de um sono profundo. A jarra com o gelo inclinou-se e estilhaçou-se sobre a tijoleira. Thyra embateu contra a parede e Diana teve de se agarrar à ombreira da porta para não cair.

O abalo terminou tão depressa como começou. Os únicos indícios de que ocorrera algo eram o jarro escacado e as lanternas que continuavam a baloiçar nos seus ganchos.

— Pelas tranças de Freia! — exclamou Thyra. — O que foi aquilo?

A expressão de Tek era lúgubre.

— Um terramoto.

— Aqui? — questionou Thyra, descrente.

— Preciso de encontrar a rainha — disse Tek. — Esperem pela médica. — Saiu do quarto em passo apressado, com as botas a esmagarem pedaços do jarro e de gelo.

Diana desdobrou um cobertor e enroscou-o em volta de Maeve. Afastou o cabelo ruivo do rosto da amiga. A pele de Maeve encontrava-se demasiado branca sob as suas sardas e os seus olhos moviam-se incessantemente sob as pálidas pálpebras. *Doença contagiosa. Quarentena. Terramoto.* Palavras que não pertenciam a Themyscira. *E se vieram com a Alia?* E se Diana trouxera esta linguagem de aflição para junto do seu povo?

Nunca um mortal pusera um pé em Themyscira. A lei era bem clara. Na história amazona, apenas duas mulheres ousaram violá-la. Kahina trouxera uma criança mortal ao regressar de uma missão, desesperada por salvá-la da morte no campo de batalha. Implorara para que lhe fosse permitido criar a rapariga na ilha, mas acabaram ambas por ser exiladas para o Mundo do Homem. A segunda fora Nessa, que tentara ocultar o seu amante mortal a bordo de um barco ao regressar a Themyscira.

Em criança, Diana pedira repetidamente para ouvir a história de Nessa, contorcendo-se na cama, antecipando o fim horrível,

a imagem de Nessa parada na costa, despida da sua armadura, enquanto a terra tremia e os ventos uivavam, tão furiosa se sentia a ilha, tão furiosos se sentiam os deuses. Diana nunca esquecera as derradeiras palavras da história, tal como foram contadas pela poetisa Evandre:

> *Uma a uma, as suas irmãs viraram costas como teriam de fazer, e apesar de chorarem, as suas lágrimas salgadas eram insignificantes no mar. Assim sendo, Nessa passou da piedade para as brumas e para as terras para lá destas, onde os homens respiram a guerra como se fosse ar, e a vida é o bater da asa de uma traça, praticamente invisível, praticamente incompreendida antes de partir. O que podemos dizer do sofrimento dela, exceto que foi breve?*

Diana arrepiara-se com tais palavras. Observara as traças que se reúnem em redor das lanternas do terraço da mãe e tentara cravar o olhar na mancha difusa das suas asas. Estava ali e partira. Num abrir e fechar de olhos. Mas agora eram as outras palavras de Evandre que recordava com uma terrível sensação de reconhecimento. *A terra tremeu e os ventos uivaram, tão furiosa se sentia a ilha, tão furiosos se sentiam os deuses*. Ao resgatar Alia, Diana acreditara que o risco que corria era só seu, e não das suas irmãs, não de Maeve.

Diana apertou a mão de Maeve.

— Volto já — sussurrou.

Saiu apressadamente porta fora e percorreu a correr o pátio com colunas que ligava o dormitório ao palácio.

— Tek! — chamou, correndo para apanhá-la.

Quando Tek se virou, sentiu-se outro tremor de terra. Diana desviou-se contra uma coluna, batendo dolorosamente com um ombro na pedra. Tek praticamente manteve o mesmo ritmo.

— Volta para junto da tua amiga — disse ela, enquanto Diana seguia pelas escadas do palácio acima até aos aposentos da rainha.

— Tek, o que é que está a causar isto?

— Não sei. Algo está desequilibrado.

Sem hesitar, Tek dirigiu-se em passo apresado para as divisões superiores dos aposentos reais. Hipólita estava na mesa comprida,

a consultar uma das mensageiras, uma rapariga de pés ligeiros chamada Sabaa.

Hipólita ergueu o olhar quando entraram.

— Já sei, Tek — disse ela. — Chamei uma mensageira assim que se sentiu o primeiro abalo. — Dobrou a mensagem que escrevera e depois selou-a com lacre vermelho, marcando-a com o seu anel. — Vai a Bana-Mighdall o mais depressa que puderes, mas tem cuidado. Passa-se algo de errado na ilha.

A mensageira desapareceu pelas escadas abaixo.

— Houve pelo menos três relatos de doença — disse Tek.

— Tens a certeza que é disso que se trata? — perguntou Hipólita.

— Eu própria vi uma das vítimas.

— A Maeve — acrescentou Diana.

— Pode estar a atingir primeiro as amazonas mais jovens — disse Hipólita.

— Nem todas — murmurou Tek, olhando de lado para Diana.

Mas o olhar de Hipólita estava focado no mar oriental. Ela suspirou e disse:

— Vamos ter de consultar a Oráculo.

Diana sentiu um aperto no estômago. A Oráculo. Já não haveria como esconder.

Tek assentiu com a cabeça, com um olhar de resignação estampado no rosto. Visitar a Oráculo não era uma decisão fácil. Exigia um sacrifício e, se a Oráculo achasse necessário um tributo das Amazonas, poderia infligir uma série de castigos.

— Vou acender as fogueiras para convocar o Conselho a reunir — anunciou Tek, saindo sem mais palavras.

Estava tudo a acontecer demasiado depressa, Diana seguiu Hipólita até aos aposentos desta.

— Mãe...

— Se vierem a cavalgar depressa, o Conselho deverá estar cá daqui a uma hora — comentou Hipólita. Alguns elementos do Conselho viviam em Éfeso ou Bana-Migdhall, mas outras preferiam as zonas mais isoladas da ilha e seriam convocadas pelas fogueiras.

Hipólita libertou-se das confortáveis roupas de montar e do aro de prata que usara na arena e saiu do seu quarto de vestir, pouco

depois, envergando sedas com o púrpura intenso de ameixas maduras, o ombro direito tapado por um rebraço dourado e escamas de uma cota de malha reluzente. A armadura era meramente ornamental, o tipo de coisa usada para assuntos de Estado. Ou reuniões de emergência do Conselho.

— Ajudas-me a prender o cabelo? — pediu Hipólita. Sentou-se diante de um espelho grande e retirou de uma caixa forrada a veludo um aro dourado guarnecido com pesados pedaços de ametistas em bruto.

Pareceu bizarro a Diana estar ali de pé a entrançar o cabelo cor de ébano da mãe, quando o mundo em volta delas poderia estar a desmoronar-se, mas uma rainha nunca aparecia em público sem parecer uma rainha.

Diana reuniu toda a sua coragem. Precisava de falar de Alia à mãe. Não podia deixá-la ir para a reunião do Conselho sem que ela o soubesse. *Talvez não seja por causa da Alia. Pode ser uma perturbação no Mundo do Homem.* Mas Diana não acreditava verdadeiramente naquilo. Quando o conselho consultasse a Oráculo, Alia seria descoberta e Diana exilada. A sua mãe passaria por fraca, complacente. Nem toda a gente adorava Hipólita tanto quanto Tek e nem toda a gente achava que deveria ser uma rainha a governar as Amazonas.

— Mãe, hoje durante a corrida...

Hipólita cruzou o seu olhar com o de Diana no espelho e agarrou-lhe a mão.

— Falamos disso mais tarde. Mas não há vergonha na derrota.

Aquilo nem por sombras era verdade, mas Diana disse:

— Não é isso.

Hipólita aplicou mais duas ametistas nas orelhas.

— Diana, não te podes permitir a mais derrotas como aquela. Não pensei que ganhasses...

— Não? — Diana odiou a dor que se espalhou por ela, já o tom de surpresa não conseguiu ocultar.

— É claro que não. Ainda és nova. Ainda não és forte como as outras, nem experiente. Tive a esperança de que pudesses classificar-te bem ou pelo menos...

— Ou pelo menos que não te humilhasse?

Hipólita ergueu uma sobrancelha.

— É preciso mais do que uma derrota numa pequena corrida para deitar abaixo uma rainha, Diana. Mas não estás pronta e isso significa que vais ter de te esforçar ainda mais para provares o teu valor.

A avaliação que a sua mãe fazia das suas possibilidades era como o abraço calculado na tribuna, igualmente prática e dolorosa.

— Eu *estava* pronta — afirmou Diana, com teimosia.

O olhar de Hipólita era tão gentil, tão carinhoso e tão cheio de pena que Diana sentiu vontade de gritar.

— O resultado fala por si. O teu tempo há de chegar.

Mas não chegaria. Não, se nunca lhe dessem uma oportunidade. Não, se nem sequer a sua mãe achasse que podia ganhar o raio de uma corrida a pé. E Alia. *Alia*.

— Mãe — tentou de novo.

Mas Hipólita já ia a sair dos seus aposentos. As luzes das candeias refletiram no dourado da sua armadura. A terra tremeu, mas os seus passos nem vacilaram, como se o seu próprio caminhar declarasse, «Sou uma rainha e uma amazona; fazes bem em tremer.»

No espelho de vidro, Diana viu o seu reflexo — uma rapariga de cabelo escuro com roupas desalinhadas, os seus olhos azuis perturbados, os dentes cravados no lábio inferior como uma espécie de ator com ar de culpado numa tragédia. Endireitou os ombros e levantou o queixo. Diana poderia não ser rainha, mas os membros do Conselho não eram os únicos que podiam apelar à Oráculo. *Sou uma princesa de Themyscira*, disse ela à rapariga no espelho. *Hei de encontrar as minhas próprias respostas*.

TODAS AS LENDAS TÊM UM INÍCIO.
DIANA TORNAR-SE-Á UMA LENDA, MAS PRIMEIRO DEVERÁ ENFRENTAR UMA JORNADA (I)MORTAL!

DIANA: FILHA DE IMORTAIS

Da ilha das imortais Amazonas, a princesa Diana apenas pode observar o Mundo dos Homens, sem interferir. Mas no momento em que assiste a um naufrágio, e a vida de uma rapariga corre perigo, o instinto da princesa fala mais alto. Ao socorrer e trazer uma mortal para a ilha, viola uma das regras sagradas e arrisca-se a ser exilada. Pior ainda, esta não é uma rapariga qualquer e, ao salvá-la, Diana pode ter condenado o mundo.

ALIA: FILHA DA MORTE

Depois de o barco explodir, Alia Keralis luta pela vida. Não sabe que a tentam matar. Não sabe quem é aquela jovem misteriosa e incrivelmente forte que aparece em seu auxílio. E não sabe que ela própria é uma Dama da Guerra, descendente direta de Helena de Troia, uma linhagem condenada a trazer a guerra ao mundo.

IRMÃS DE ARMAS

Enquanto todos procuram assassinar Alia, a Dama da Guerra, para evitar que o mundo tenha um fim trágico, a princesa Diana sabe que há outra solução. Mas para isso terá de abandonar a sua ilha, entrar no Mundo dos Homens e enfrentar perigos inimagináveis. Uma verdadeira demanda que exigirá a confiança e a coragem de ambas para, como irmãs, enfrentarem as forças da guerra.

«Batalhas cinematográficas e uma corrida contra o tempo mantêm o entusiasmo bem alto, mas a relação entre as raparigas, a forma como se protegem, é o que faz este livro brilhar.»
KIRKUS REVIEWS

TOPSELLER
os livros em primeiro lugar
20|20 editora

ISBN 978-989-8869-26-5
9 789898 869265
Literatura Fantástica